

Dos jogos escolares brasileiros às olimpíadas: a trajetória escolar de atletas olímpicos brasileiros

From the brazilian school games to the olympics: the school trajectory of brazilian olympic athletes

ARANTES AAC, RÚBIO K, DE MELO GF. Dos jogos escolares brasileiros às olimpíadas: a trajetória escolar de atletas olímpicos brasileiros. *R. bras. Ci. e Mov* 2020;28(1):51-59.

RESUMO: Este artigo teve como objetivo identificar se atletas participantes dos Jogos Escolares Brasileiros entre 1969 e 2014 chegaram às Olimpíadas. Dentre as questões levantadas para análise, quais as modalidades dos jogos escolares apresentaram maior concentração de olímpicos, há diferença entre as representações por sexo e se as diferentes fases dos jogos escolares impactaram na presença de atletas nas Olimpíadas. Trata-se de uma pesquisa de cunho exploratório e descritivo, que envolveu levantamento documental e bibliográfico e se propôs a estabelecer relações entre os fatos e as variáveis investigadas. Fizeram parte da amostra 433 homens e mulheres atletas, nas modalidades atletismo, natação, judô e ginástica rítmica (GR), os quais participaram das Olimpíadas entre 1972 e 2016. Os participantes dos Jogos Escolares Brasileiros chegaram às Olimpíadas com frequência de 43,4% nas modalidades estudadas. Atletas escolares da GR foram percentualmente mais frequentes nas Olimpíadas, seguido pelos do judô, atletismo e natação. Quando observado de forma relativa, a participação feminina foi maior na GR, atletismo e natação. Para todas as modalidades estudadas, a segunda fase foi a que levou o menor número de atletas escolares para as olimpíadas. Identificou-se número significativo de atletas escolares que chegaram às Olimpíadas, em números absolutos e relativos. As modalidades com maior concentração de atletas Olímpicos em números absolutos foram o atletismo e a natação. Em números relativos foram a GR e o Judô. Os resultados parecem indicar que para o sexo feminino os jogos escolares são um evento importante para sua afirmação. A menor concentração de atleta escolar por ano na segunda fase foi efeito da decisão dos gestores em proibir a participação dos atletas federados.

Palavras-chave: Política Pública; Educação; Educação Física e Treinamento.

ABSTRACT: This article aimed to identify whether athletes that participated of the Brazilian School Games between 1969 and 2014 reached the Olympics. Among topics for analysis, the modalities of school games presented a greater concentration of Olympic athletes. There is a difference between number of athletes by sex and whether different phases of school games had an impact on the presence of athletes in the Olympics. This is an exploratory and descriptive research, which involved documentary and bibliographic survey and proposed to establish relationships between facts and investigated variables. The sample consisted of 433 men and women, all athletes competing in athletics, swimming, judo and rhythmic gymnastics (GR), who participated in the Olympics between 1972 and 2016. The participants of the Brazilian School Games reached the Olympics with a frequency of 43.4% in these modalities. GR school athletes were more frequent in the Olympics, followed by judo, athletics and swimming. The female participation was greater in GR, athletics and swimming. For all modalities under study, the second phase took the smallest number of school athletes to the Olympics. We identified a significant number of school athletes who participated in the Olympics, in terms of absolute and relative numbers. The modalities with the highest concentration of Olympic athletes in absolute numbers were athletics and swimming. In relative numbers, these were GR and Judo. The results seem to indicate that, for the female athletes, the school games are an important event for its affirmation. The lowest concentration of school athletes per year in the second phase was due to the managers' decision in prohibiting the participation of federated athletes.

Keywords: Public Policy; Education; Physical Education and Training.

André A. C. Arantes¹
Katia Rúbio¹
Gislane F. de Melo¹

¹Universidade Católica de Brasília

Recebido: 29/10/2018
Aceito: 30/04/2019

Introdução

Nos últimos dez anos, o esporte brasileiro ganhou visibilidade internacional e espaço na agenda política. Isso se deu em função do Brasil ter sediado importantes eventos esportivos, culminando com os Jogos Olímpicos e Paralímpicos no Rio de Janeiro em 2016.

Em decorrência deste fato, ações para promoção do esporte foram desencadeadas, entre elas aquelas vinculadas ao chamado legado educacional esportivo, as quais estabeleceram metas para a ampliação dos participantes nos jogos escolares e universitários dos 2,5 milhões em 2009 para 5 milhões em 2016¹.

A necessidade da ampliação da base esportiva nacional, tendo como lócus importante a escola, já havia sido reportada na Auditoria Operacional realizada pelo Tribunal de Contas da União². Segundo o relatório desse tribunal, em 2008, apenas 34% dos municípios brasileiros se envolveram com as Olimpíadas Escolares na faixa etária de 12 a 14 anos e 23% na faixa etária de 15 a 17 anos. O referido relatório já inferia que o sucesso na identificação de talentos esportivos dependia, e depende até hoje, de políticas capazes de permitir o acesso de um grande contingente de crianças e jovens à iniciação esportiva e apontava para a “necessidade de promoção de um sistema de detecção de talentos esportivos”².

Em pesquisa conduzida por De Bosscher, et al.³, com participação da Bélgica, Canadá, Itália, Holanda, Noruega e Reino Unido, desenvolveu-se um sistema com nove pilares para investigar os fatores da política esportiva que poderiam influenciar nos resultados esportivos de rendimento. São eles: 1) suporte financeiro; 2) organização e estrutura de políticas para o esporte; 3) participação e esporte de base; 4) identificação de talentos e sistema de desenvolvimento; 5) suporte para atletas e pós-carreira; 6) instalações esportivas; 7) desenvolvimento e suporte para técnicos; 8) competições nacionais e internacionais e 9) pesquisa científica. O pilar 03, chamado de participação e esporte de base, tem como um dos objetivos monitorar a oferta de competições escolares.

Um dos aspectos da sustentação do esporte de base está nas competições escolares, já que “sem ela não há como descobrir talentos”^{4,5}. Segundo Dennis e Grix⁶, as Spartakiades foram competições para juventude que serviram para alimentar o esporte escolar da Alemanha Oriental e nas quais vários atletas olímpicos passaram.

No Brasil, em 1969, foram criados os Jogos Escolares Brasileiros, que reuniu pela primeira vez os melhores atletas escolares de todo o país. Segundo Arantes et al.⁷, a história destes jogos pode ser subdividida em quatro fases diretamente ligadas aos acontecimentos políticos do país: primeira fase de 1969 a 1984 (ditadura civil-militar), segunda fase de 1985 a 1989 (redemocratização), terceira fase de 1990 a 2004 (pós-constituente) e quarta fase de 2005 a 2010 (“governo popular” com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva). Ainda segundo os autores, os programas de esporte escolar ao longo de décadas têm nos Jogos Escolares Brasileiros sua política mais expressiva, porém, ainda hoje existem poucas pesquisas sobre o tema.

Neste artigo a designação Jogos Escolares Brasileiros será utilizada como nome genérico para todas as edições deste evento ocorridas entre os anos de 1969 e 2014, independentemente dos nomes que este evento assumiu ao longo de sua história. O período de 2011 a 2014, foi incorporado a quarta fase do estudo conduzido por Arantes et al.⁷, já que se enquadra no período de “governo popular”, ainda que não seja mais do ex-presidente Lula, mas de sua sucessora Dilma Roussef. Estas subdivisões vão ao encontro do pensamento de Rubio⁸, que afirma que os acontecimentos esportivos estão sempre em consonância ao que acontece na política do país.

Thompson et al⁹, Borges e Buoricone¹⁰, Tubino¹¹ e Arantes et al⁷ fazem parte do pequeno grupo de autores que escreveram e publicaram sobre os Jogos Escolares Brasileiros. Em busca realizada para este estudo em 20 de outubro de 2016, constatou-se que a escassez de pesquisa ainda permanece, uma vez que foram encontrados apenas quatro resultados novos e válidos^{12,13,14,15} para os critérios de inclusão adotados, nas bases de dados Scielo, Google Acadêmico, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e Ebscohost. Em 2017, procedeu-se mais uma busca e foi encontrada a Tese de Kiouranis¹⁶ que traz informações acerca das Olimpíadas Escolares.

Face a pequena produção sobre este tema, permanecem alguns questionamentos: atletas que participaram dos Jogos Escolares Brasileiros chegaram aos Jogos Olímpicos? Caso positivo, em que proporção? Que modalidade dos jogos escolares apresentou maior número de olímpicos? Existiu diferença entre as representações por sexo? As diferentes fases dos jogos escolares impactaram na presença de atletas nas olimpíadas?

Assim, este artigo teve como objetivo identificar os atletas participantes dos Jogos Escolares Brasileiros entre 1969 e 2014 que chegaram aos Jogos Olímpicos com intuito de responder aos questionamentos descritos anteriormente.

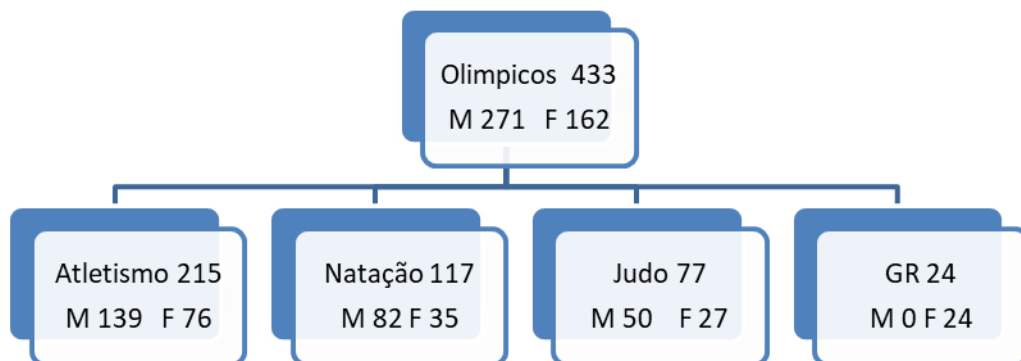
Materiais e Métodos

Trata-se de uma pesquisa de cunho exploratório e descritivo, que envolveu levantamento documental e bibliográfico e se propôs a estabelecer relações entre os fatos e as variáveis investigadas¹⁷. Quanto a sua abordagem, é quanti-qualitativa para o levantamento documental e bibliográfico e leitura das entrevistas^{18,19}.

Fizeram parte do estudo 433 homens e mulheres atletas, nas modalidades atletismo, natação, judô e ginástica rítmica, que participaram das Olimpíadas entre 1972 e 2016 (Figura 01). Cabe ressaltar que este número é o total de atletas olímpicos, referenciados no livro de Rubio²⁰ e Comitê Olímpico Brasileiro²¹ - nas quatro modalidades estudadas - sendo que alguns tiveram seus nomes citados também nos jogos escolares.

Da amostra, 62,6% eram do sexo masculino. Foram escolhidas para análise dos dados, as modalidades individuais consideradas o núcleo duro dos Jogos Escolares Brasileiros: Natação, Atletismo, Judô e Ginástica Rítmica⁷. Estas modalidades individuais são as que mais estiveram presentes nos eventos estudados e por este motivo foram selecionadas para o estudo.

Figura 01: Organograma da amostra.



Recorremos ao livro de Rubio²⁰ para verificar nome dos atletas olímpicos brasileiros entre os anos de 1972 e 2012 e a pesquisa qualitativa da mesma pesquisadora para a leitura da história de vida destes atletas, a fim de verificar se os mesmos citavam os jogos escolares em algum momento das entrevistas.

A partir dos dados coletados em Rubio²⁰ e dos nomes dos atletas olímpicos nos Jogos Olímpicos RIO 2016, obtidos no site do Comitê Olímpico Brasileiro²¹, iniciou-se o trabalho de verificação do nome dos atletas Olímpicos nos boletins dos Jogos Escolares Brasileiros entre os anos 1969 e 2014. Em algumas edições não foi possível fazer o cotejamento, pois os boletins não foram localizados: edições de 1993, 1995 e 2004. O ano de 2000 foi cotejado apenas parcialmente, pois o boletim não estava completo.

Foram rodados os dados descritivos da amostra por meio de médias, desvios e frequências. Após a investigação de quem participou dos jogos escolares que tenha sido ou ainda é um (a) atleta Olímpico (a) foram realizados testes Qui-

Quadrado para comparar frequências do esporte, sexo e fase dos jogos. Todos os dados foram rodados no SPSS-IBM 22.0, devidamente registrado e estipulado o nível de significância de $p \leq 0,05$.

O presente projeto, CAAE 30756114.6.0000.5391, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo sob o parecer de número 966.065.

Resultados

Os dados da Tabela 1 foram calculados tendo por base os valores absolutos da modalidade e sexo. Por exemplo, no atletismo, de 215 atletas que estiveram nos Jogos Olímpicos entre 1972 e 2016 participaram nos Jogos Escolares Brasileiros entre 1969 e 2014 o total de noventa e oito atletas, portanto 45,6%. Deste total, cinquenta e um eram atletas do sexo masculino e quarenta e sete do sexo feminino. Se observados nos respectivos contextos, dos cento e trinta e nove olímpicos masculinos, cinquenta e um participaram dos jogos escolares totalizando 36,7% de participação. Já no sexo feminino, das setenta e seis Olímpicas, quarenta e sete participaram dos jogos escolares, totalizando 61,8% de participação.

Tabela 1. Percentual de Olímpicos nos Jogos Escolares Brasileiros por modalidade e sexo

Modalidades	Percentual total	Percentual sexo masculino	Percentual sexo feminino
Atletismo	215\98 (45,6%)	139\51 (36,7%)	76\47 (61,8%)
Judô	77\36 (46,8%)	50\27 (54%)	27\9 (33,3%)
GR	24\16 (66,7%)	--	24\16 (66,7%)
Natação	117\38 (32,5%)	82\26 (31,7%)	35\12 (34,3%)
TOTAL	433\188 (43,4%)	271\104 (38,4%)	162\84 (51,9%)

Na Tabela 2, calculou-se a relação atleta escolar/ano, nas quatro modalidades estudadas, com base no volume de atletas escolares que chegaram as Olimpíadas e o número edições que foram apuradas. Por exemplo, na terceira fase (1990 a 2004), não foram encontrados os dados de três edições (1993,1995 e 2004) e uma não ocorreu (1999), portanto o número de anos levados em consideração para o cálculo de atleta escolar\ano foi onze anos.

Tabela 2. Atletas escolares que se tornaram olímpicos por fase dos jogos escolares nas modalidades atletismo, GR, natação e judô

Fase	Atleta escolar	Anos por fase	Atleta escolar por ano
Primeira fase (1969 a 1984)	57	16	3,6
Segunda fase (1985 a 1989)	07	05	1,4
Terceira fase (1990 a 2004)	88	11	8
Quarta fase (2005 a 2014)	36	10	3,6

Discussão

Os dados encontrados nesta pesquisa (Tabela 1) apontam que 43,4% de olímpicos também foram atletas escolares, com destaque para a GR (66,7%), seguida do judô (46,8%), atletismo (45,6%) e a natação com a menor concentração de

olímpicos que foram atletas escolares (32,5%). Em termos absolutos os números do atletismo (98) são os maiores, seguido pela natação (38), o judô (36) e pela GR (16), totalizando 188 atletas escolares que chegaram aos Jogos Olímpicos.

Este resultado quantifica a orientação expressa no regulamento dos jogos e no discurso dos gestores dos jogos escolares, de descoberta e promoção de talentos esportivos^{7,16,22}. Nos trabalhos referidos, os autores apresentam dados dos boletins oficiais dos jogos escolares onde encontra-se a “procura por talentos esportivos” como um dos objetivos dos períodos de 1969 a 1984 e entre os anos 1990 e 2014. Esta informação contida nos boletins é reforçada pelas entrevistas de oito gestores do vértice estratégico dos jogos escolares, entre eles, um Ministro de Esporte, três Secretários Nacionais de Esporte e quatro Coordenadores dos Jogos Escolares.

Entre os atletas escolares que chegaram aos Jogos Olímpicos há relatos de sua passagem nas competições escolares. Olímpico de atletismo relata que “...fui na seletiva, ganhei! Agora tem o JEBS! Vai competir...no JEBS com atletas de São Paulo, Rio, do Brasil todo, né! Ih! ...tinha 14 e ia competir com atletas com idade de 18 anos.” Olímpica de Ginástica Rítmica conta o início vitorioso nas competições incluindo sua participação nos Jogos Escolares Brasileiros (JEBS), “..., a gente começou ...a se destacar, parecia campeonato tanto estadual, regional, paranaense, jogos, jogos olha eu não me lembro quantos milhares de jogos, todos os tipos de jogos, abertos, tem vários ai que eu não me lembro mais os nomes, ‘JEBS’ e tal que a gente ia, ganhava tudo..”²³

O Reino Unido, uma das maiores potências esportivas da atualidade no cenário olímpico, também tem a preocupação em quantificar o impacto dos jogos escolares na descoberta e promoção de talentos. Em recente documento relacionado aos Jogos Escolares do Reino Unido²⁴, afirma-se que “56 dos 382 atletas que representaram o Team GB nos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio competiram nos Jogos da Escolares do Reino Unido. Isso equivale a 15% da equipe”.

Apesar das diferentes metodologias para este cálculo, pois na presente pesquisa os dados foram obtidos a partir da participação nas Olimpíadas de Munique em 1972 a 2016 no Rio de Janeiro e no caso dos dados referente ao Reino Unido apenas a participação na Olimpíada do Rio de Janeiro foi computada, os dados parecem indicar que relacionar a participação nos Jogos Olímpicos e a participação nos jogos escolares é importante para países que pretendem alcançar resultados esportivos destacados no cenário internacional.

A preocupação em estabelecer relação entre os jogos escolares e a participação nos Jogos Olímpicos, tem amparo nas pesquisas feitas por especialistas em sistema de esporte^{03,25,26,27}, quando apontam a importância da relação do esporte e a escola para a ampliação da base esportiva.

Na representação relativa por sexo, obtida com base na relação entre total de olímpicos e atletas escolares do mesmo sexo (Tabela 01): a GR (67% F), o atletismo (61,8% F e 36,7% M) e a natação (34,3% F e 31,7% M) tiveram predominância do sexo feminino. Apenas o judô (33,3% F e 54% M) teve uma representação relativa maior do sexo masculino.

Indícios destes resultados já tinham sido encontrados na pesquisa de Arantes et. al.²⁸, a respeito do nível técnico dos jogos escolares entre 2005 e 2010, quando demonstram que na categoria de 12 a 14 anos, o nível técnico feminino foi superior.

Chama atenção o fato da GR, considerada a modalidade “mais feminina” das estudadas, já que não existe nem categoria masculina disputada nos jogos escolares ou Olimpíadas, ter apresentado o maior percentual de atletas escolares que chegaram aos Jogos Olímpicos quando comparada as demais modalidades (Tabela 1). Por outro lado, o judô, a “mais masculina” das modalidades estudadas, já que apenas começou a participar com a categoria feminina nas olimpíadas de Barcelona em 1992, com um atraso de quase 30 anos em relação a categoria masculina que iniciou nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964, e que no Brasil por força de legislação federal até 1979 as mulheres eram impedidas de praticar esportes de combate, foi a única das modalidades que apresentou uma concentração relativa maior do sexo masculino.

Pelo relato de Olímpica do judô percebe-se o preconceito da família em relação a prática do judô pelas meninas: “...fui ver o meu irmão fazer as aulas de judô dele... então eu falei é isso que eu quero e minha mãe ficou louca, minha mãe falou assim não você não vai entrar no judô, nem pensar, e meu pai falou assim: “Não, calma, deixa ela entrar no judô, ela vai apanhar rapidinho, vai baixar esse topete e vai sair”, aí minha mãe já foi e disse: “olha você vai entrar, só que você vai todo dia de cabelo arrumado, de batom, vai com camisetinha trocada e tudo certinho, muito feminina, tudo bem”²³.

Segundo Rubio²⁹, o atletismo é uma modalidade mais democrática, o que explica o fato de as mulheres terem aparecido com grande representação relativa. Por outro lado, a predominância masculina nos números absolutos reforça os achados de Rubio²⁹ de que o esporte é um campo de manifestação do poder masculino.

Os achados desta pesquisa em relação a GR, atletismo, natação e os de Arantes *et. al.*²⁸ em relação ao maior nível técnico feminino, parecem indicar que para o sexo feminino os jogos escolares são um evento importante para sua afirmação. Uma possibilidade para explicar isto poderia ser o confiança dos pais no ambiente escolar, já que nestas competições as colegas de treino e professor da escola acompanham as atletas. Provavelmente esta situação criava uma situação mais controlada e que trazia maior segurança aos pais das atletas.

A segunda fase dos jogos escolares apresentou o pior resultado (1,4 atleta escolar\ano) para todas as modalidades. Este resultado é muito significativo, pois demonstra o efeito da decisão dos gestores deste período por um evento educacional, desvinculado do esporte de rendimento e que proibiu atletas federados de participarem dos jogos escolares. Os resultados da pesquisa de Ferreira³⁰ apontam que, no atletismo, os resultados esportivos do segundo período (1985 a 1989) foram piores que os do período anterior (1969 a 1984). A piora do nível técnico dos Jogos Escolares Brasileiros foi sentida também pelos gestores dos jogos escolares³¹. Portanto, os resultados agora obtidos a partir dos atletas escolares que chegaram às Olimpíadas corroboram os resultados anteriormente já apresentados^{30,31}.

A década de 80 foi um momento de muitas mudanças no cenário do esporte escolar brasileiro, e teve como uma de suas principais medidas a proibição da participação dos atletas federados. Neste período havia um interesse em “...desvincular definitivamente das competições, que superestimando o confronto entre estudantes e subvertendo o espírito de solidariedade, buscavam exclusivamente o rendimento.”³²

Por outro lado, a terceira fase é a de maior concentração de atletas olímpicos em todas as modalidades (8 atletas escolares\ano). Funcionou como uma resposta a fase anterior, ou seja, já que na segunda fase os atletas federados não puderam participar, na terceira eles foram incentivados. É na terceira fase em que se decide que os jogos escolares com características educacionais ficariam a cargo do Ministério da Educação e os jogos com foco no rendimento ficariam com a área esportiva, pelo Instituto Nacional de Desenvolvimento do Esporte, vinculado ao Ministério Extraordinário do Esporte e depois ao Ministério de Esporte e Turismo.

Em função deste fato, ocorre a interrupção dos jogos escolares ditos educacionais pois o Ministério da Educação não organizou este evento, e em 1995 o INDESP em parceria com o COB organizaram a primeira edição dos Jogos da Juventude⁷. O regulamento geral dos Jogos da Juventude aponta como um dos objetivos a descoberta de talentos, portanto estes jogos resgatam algo que havia sido interrompido no breve período entre 1985 e 1989⁷. No final da terceira fase, o Secretário Nacional de Esporte à época afirma que “nos Jogos da Juventude havia um motivo da sua existência que era o esporte da juventude de alto rendimento, mas era necessário resgatar o papel do esporte na escola”³¹.

A preocupação com o resgate do “papel do esporte na escola” leva a que no ano de 2000 os Jogos Escolares volta a ser organizados concomitantemente com a organização dos Jogos da Juventude⁷. Em 2004, o Ministro do Esporte à época decide pelo encerramento dos Jogos da Juventude afirmando que o fato de não terem como base a escola, trazia na verdade, pouca contribuição ao desenvolvimento esportivo³¹.

Em 2005 tem início a quarta fase dos jogos e os dados da Tabela 02 indicam que a concentração de olímpicos entre os atletas escolares volta aos patamares da primeira etapa (1969 a 1984), portanto registrando os valores de 3,6 atleta escolar por ano.

Estas informações parecem indicar que a retirada dos atletas federados na segunda fase diminuiu o nível técnico dos jogos escolares e que por outro lado nos Jogos da Juventude, evento sem vínculo com a escola que vigo rou durante a terceira fase, o resultado esportivo foi mais destacado. Também se notou que a solução encontrada na primeira e quarta fases, portanto durante o período de ditadura civil militar e o período de “governo popular” do ex-presidente Lula, em que os jogos tinham como parceiros centrais as escolas e foi permitida a participação de atletas federados, a concentração de olímpicos entre os atletas escolares foi a mesma.

Partindo dos resultados de pesquisa realizada na Bélgica na década de 1980, que indicam a escola como o principal contexto para o desenvolvimento do esporte, Renson³³ afirma que para atingir o objetivo da democratização do esporte é importante o estabelecimento de “escolas de esporte para todos” e não apenas “escolas especializadas em esporte para talentos esportivos”. Importante esclarecer que o conceito de “esporte para todos” preconizado pelo autor inclui as diferentes manifestações esportivas.

A posição de Marques³⁴, Bento³⁵, Pires³⁶ e Mesquita³⁷ aponta para uma visão de esporte dentro do sistema de ensino, no qual as diferentes manifestações esportivas são vistas como complementares e não excludentes.

Gaya e Torres³⁸, assim com Tubino¹¹ e Costa³⁹, acreditam que o esporte de competição deve ter seu lugar na escola. Tubino¹¹ reinterpreta o binômio esporte – educação, e estabelece a escola como lócus para o desenvolvimento de atividades de cunho educacional (esporte educacional) e também as vocacionadas para o treinamento e competições escolares (esporte escolar). É pelo esporte escolar que os jogos escolares se articulam com o binômio esporte – educação.

Pesquisadores brasileiros e estrangeiros a muito reportam a importância da escola no processo de formação esportiva, porém, mensurar este impacto é uma tarefa complexa. Ao eleger os jogos escolares como o elo que liga o esporte a escola e observar a presença dos atletas escolares nas olimpíadas, a presente pesquisa procurou trazer indicadores que possam ajudar nesta tarefa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe número significativo de atletas escolares que chegaram às Olimpíadas, em números absolutos e relativos dentre as modalidades estudadas. Apesar disto é importante lembrar que muitos atletas escolares não chegaram a nível olímpico uma vez que tiveram que optar pelo trabalho ou estudo, já que não recebiam remuneração que os sustentassem e os mantivesse na atividade esportiva.

As modalidades com maior concentração de atletas Olímpicos em números absolutos foram o atletismo e a natação. Em números relativos foram a GR e o Judô. Observou-se a predominância do sexo masculino em números absolutos para três modalidades estudadas, a exceção foi a GR. Quando analisado de forma relativa GR, atletismo e natação apresentaram concentração feminina maior. Os achados desta pesquisa parecem indicar que para o sexo feminino os jogos escolares são um evento importante para sua afirmação.

A menor concentração de atleta escolar por ano encontrada na segunda fase dos jogos escolares é claro efeito da decisão dos gestores em proibir a participação dos atletas federados. Por outro lado, a maior concentração de olímpicos se deu na fase seguinte, a terceira, para todas as quatro modalidades estudadas. Funcionou como uma resposta a fase anterior, ou seja, já que na segunda fase os atletas federados não puderam participar, na terceira eles foram incentivados.

Sugere-se futuras pesquisas sobre a concentração de atletas escolares entre os olímpicos de modalidades coletivas e das demais modalidades individuais, bem como a ampliação do escopo do presente estudo para atletas que participaram em

Campeonatos Mundiais e Jogos Pan Americanos. Com esta investigação procurou-se disponibilizar informações que sirvam de balizadores para decisões na área das políticas públicas para o esporte escolar

Referências

1. COB. Dossiê de Candidatura do Rio de Janeiro a sede dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016. Rio de Janeiro; 2009.
2. TCU. Relatório de Auditoria Operacional. Esporte de Alto Rendimento. Brasília; 2011.
3. De Bosscher V. Explaining international sporting success: an international comparison of elite sport systems and policies in six countries. *Sport Management Review*. 2009; 12(1): 13-136.
4. Bohme MTS. Esporte infante juvenil: Treinamento em longo prazo. Detecção, seleção e promoção de talentos esportivos. São Paulo: Editora Phorte; 2011.
5. Peres L, Lovisolio H. (2006). Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. *Revista de Educação Física da UEM*, 17(2), 211-218.
6. Dennis M, Grix J. Finding and Promoting Young Sporting Talent. In: *Sport Under Communism*. London: Palgrave Macmillan; 2012. 56-82.
7. Arantes AAC, Silva FM, Sarmiento JP. Jogos Escolares Brasileiros: Reconstrução histórica. *Revista Motricidade*. 2012; 8(2): 916-924.
8. Rubio, k. Jogos olímpicos da era moderna: uma proposta de periodização, *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 24, 1, 2010, 55-68
9. Thompson I, Amaral WJ, Garcia CA, Moraes RM. (2005). Esporte estudantil brasileiro. In: *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape. 809-811.
10. Borges EC, Buoricore AC. Memórias do esporte educacional brasileiro: Breve história dos jogos universitários e escolares. São Paulo: CEMJ; 2007.
11. Tubino MJG. Estudos brasileiros sobre o esporte: Ênfase no esporte-educação. Maringá: Eduem, 2010.
12. Barbieri C. Educação pelo esporte: algumas considerações para a realização dos Jogos do Esporte Educacional. *Movimento*. 1999; 5(11) jul./dez. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2481/1131>>. Acesso em: 4 out. 2016.
13. Oliveira FS de. Jogos escolares: possíveis influências na prática pedagógica das aulas de educação física escolar. *EFDeportes.com*. 2011; 16(161). Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd161/jogos-escolares-influencias-na-pratica-pedagogica.htm>>. Acesso em: 20 out. 2016.
14. Frizzo G. Os jogos escolares como mecanismos de manutenção e eliminação: uma crítica à lógica esportiva na escola. *Movimento*. 2013; 19(4): 163-180. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/38628/27449>>. Acesso em: 20 out. 2016.
15. Gruppi DR. Trajetórias dos jogos escolares brasileiros para os jogos dos povos indígenas. *Revista Internacional de Ciencias Sociales de la Actividad Física, el Juego y el Deporte*. 2016; 10(10). Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5593507>>.
16. Kiouranis TDS. Os jogos escolares brasileiros chegam ao século XXI: reprodução ou modernização na política de esporte escolar? [Tese de Doutorado em Educação Física]. Curitiba: Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Paraná; 2017.
17. Mattar FN. Pesquisa de marketing. 3.ed. São Paulo: Atlas; 2001.
18. Malhotra N. Pesquisa de marketing. 3.ed. Porto Alegre: Bookman; 2001.
19. Laville C, Dionne J. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo

Horizonte: UFMG; 1999.

20. Rubio K. *Atletas Olímpicos Brasileiros*. São Paulo: SESI-SP; 2015.
21. COB. Site do Comitê Olímpico Brasileiro. Disponível em: <https://www.cob.org.br/>. Acesso em 2016.
22. Arantes AAC, Silva FM, Sarmento JP, Bravo G, Melo G. Managers' Discourses Throught The Evolution And Development Of The Brazilian School Games. The 25th Conference of European Association of Sports Management EASM. Book of abstracts. Bern: EASM; 2017a. 46-47.
23. Rubio, K. [Atletas Olímpicos Brasileiros]. Destinatário: André Arantes. São Paulo, 08 mar. 2018. 1 e-mail.
24. UKSG. United Kingdom School Games. Disponível em: <https://www.schoolgamesfinals.org/about-us/>. Acesso em: 22 jun. 2018.
25. Green, M.; Oakley, B. Elite sport development systems and playing to win: uniformity and diversity in international approaches. *Leisure Studies*, v. 20, n. 4, p. 247-276, 2001.
26. Diegel, H. The context of talent identification and promotion: A comparison of nations. *International Association of Athletics Federations*, v. 17, n. 3, p. 13-26, 2002b.
27. Grix J.; Phillpots, L. Revisiting the 'Governance Narrative': 'Asymmetrical Network Governance' and Deviant Case of the Sports Policy Sector. *Public Policy and Administration*, v. 26, n. 1, p. 2-19, 2011.
28. Arantes AAC, Silva FM, Sarmento JP, Melo G. El papel de los Juegos Olímpicos Escolares en la formación de los atletas brasileños. *Actas Científicas*. Buenos Aires; 2017b.
29. BRASIL. Governo Federal. Mulheres brasileiras tiveram de derrubar a exclusão para entrar na história do esporte. Brasília, 08 mar. 2016. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/03/mulheres-brasileiras-tiveram-de-derrubar-a-exclusao-para-entrar-na-historia-do-esporte>. Acesso em: 09 abril 2019.
30. Ferreira FF. *Atletismo Jogos e Campeonatos Escolares Brasileiros. 1980/1990. Dados Estatísticos e Informativos*. Brasília; 1992.
31. Arantes AAC, Martins F, Sarmento P, Bravo G, Melo G. A percepção dos gestores de esporte sobre Jogos Escolares Brasileiros. 2018. No prelo.
32. BRASIL. *Esporte na Escola: Os XVIII Jogos Escolares Brasileiros como Marco Reflexivo*. Brasília: MEC. 1989.
33. Renson R. 'Sport for All': New perspectives in text and context. In: Van Lierde A, De Clercq L (Eds.). *Evaluation of the impact of 'Sport for All' policies and programmes (1st meeting of the European project group, Dudzele)*. Brussels: BLOSO; 1983. 121-135.
34. Marques A. *Pedagogia do desporto. Desporto: ensino e treino*. Rio de Janeiro: Guanabara Loogan; 2006.
35. Bento JO. Novas motivações, modelos e concepções para a prática desportiva. In: Bento JO. (Org.). *O desporto do século XXI: os novos desafios*. (pp. 113-146). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras; 1991.
36. Pires G. Da educação física ao alto rendimento. A coragem de dar um passo no desconhecido. In: *Da educação física ao alto rendimento*. Madeira: Universidade da Madeira; 2001. 27-72.
37. Mesquita I. *Professor de Educação Física: Fundar e Dignificar a profissão. Fundar o lugar do Desporto na escola através do Modelo de Educação Desportiva*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física; 2012.
38. Gaya A, Torres L. O esporte na infância e adolescência: alguns pontos polêmicos. In: *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades*. Porto Alegre: Editora UFRGS; 2004. 57-74.
39. Costa LP. *Educação física e esporte não formais*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; 1988.